

O discipulado em Aparecida

*A hermenêutica de gênero para um discipulado de iguais**

Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon¹

Resumo

O texto procura estudar a condição das mulheres e refletir a relevância dos seus trabalhos na Igreja na pastoral, e na sociedade atual. Aborda também de forma interdisciplinar um discipulado missionário conforme o *Documento de Aparecida*. Os objetivos são: contribuir para que os trabalhos das mulheres, de máxima importância para a vida da Igreja, sejam realmente reconhecidos, e analisar paradigmas pastorais e institucionais discriminatórios, tanto religiosos, como culturais e sociais. Assim, refletir sobre o *discipulado* a partir da V Conferência de Aparecida, por meio da hermenêutica de gênero, é uma tentativa de compreender essa condição vivida pelas mulheres na Igreja. Nesse sentido,

* Tema apresentado no Encontro de Catequetas, promovido pela Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB em maio-2010 em São Paulo.

¹ Mestra em Teologia e Doutora em Ciências da Religião. Prof^ª. na Faculdade de Teologia na PUC-Campinas. Membro da Rede Latino Americana de teólogos e teólogas pastoralistas do ITEPAL-CELAM. Participa como professora do Projeto Missionário Sul 1 - Noroeste 1 - Igrejas Irmãs da CNBB, em Porto Velho-RO. ivesantinon@uol.com.br ou ivenise@puc-campinas.edu.br.



um *discipulado de iguais* é uma abordagem que favorece novos olhares na pastoral, podendo trazer novas perspectivas para as atuais circunstâncias eclesiais nas quais as mulheres estão inseridas majoritariamente. Reconhecidas nos documentos oficiais da Igreja, elas ainda não possuem garantia de participação plena nas suas estruturas.

Palabras clave: Aparecida, Igreja, Gênero, Mulher, Discipulado Missionário.

Abstract

The text aims study the situation of the women and reflect the relevance of their work in the church ministry and in society. It also addresses an interdisciplinary way missionary discipleship as the Document of Aparecida. The objectives are: contribute to the work of women, of utmost importance for the life of the Church, are truly recognized and discuss pastoral and institutional paradigms discriminatory, religious, and cultural and social. So, think about discipleship from the V Conference of Aparecida, by gender hermeneutics is an attempt to understand the condition experienced by women in the Church. Thus a discipleship of equals is an approach that encourages new perspectives on the pastoral, helping to bring new perspectives to the current circumstances in the church where women are mostly inserted. Recognized in the official documents of the Church, they haven't guarantee of full participation in their structures.

Key words: Aparecida, Church, Gender.

Introdução

A leitura na perspectiva da hermenêutica de gênero representa uma ferramenta importante para a busca de respostas pastorais aos desafios atuais; é também importante para uma compreensão diferente sobre o significado da palavra *Discipulado* no texto de *Aparecida*. Na teologia, a hermenêutica, como ciência e ação que interpreta realidades conduzidas pelos *sinais dos tempos*, sempre deve levar em conta a vida da Igreja. Nela faz releituras dos diferentes momentos vividos por indivíduos sociais que se relacionam em comunidades, lêem textos e interpretam contextos provenientes da comunicação, do diálogo e do reconhecimento privado ou público na história.

A finalidade das Conferências Episcopais é sempre a missão evangelizadora. As ações eclesiais como atitudes criadoras e criativas, ao se institucionalizarem, poderão ou não ser legitimadas e dar frutos autênticos. Por isso nem sempre um evento da Igreja consegue responder com eficácia a toda realidade¹. Nesse sentido, uma determinada hermenêutica não é apenas uma ferramenta utilizada para analisar uma situação, ou é coisa feita por uma pessoa ou por alguns indivíduos. Porém, ela é interpretação realizada pelas próprias comunidades, que se tornam aliadas importantes ou não, num discernimento sobre a missão evangelizadora, ações e gestões pastorais nas Igrejas de um determinado continente².

Quanto à utilização da categoria *gênero* para a releitura e a análise contextual de *Aparecida*, trata-se de uma tentativa de atualização

¹ Brighenti, Agenor. *Para compreender o texto de Aparecida. O pré-texto, o con-texto e o texto*. São Paulo: Paulus, 2008.

² Cf. Florestán Cassiano, *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo. Vocábulo "Hermenêutica"*. São Paulo: Paulus, 1999, pp. 326-331.



de toda a descrição do ser humano ali socialmente constituído, em oposição a conceitos anteriormente escritos e biologicamente apenas limitados ao falar de atividades na Igreja, feitas por determinado sexo humano. O termo *gênero* se refere a aspectos psicológicos, antropológicos, sociais e históricos da masculinidade ou feminilidade. Por isso deve ser entendido como uma codificação cultural, com todas as convenções associadas sobre um ou outro sexo, sendo uma categoria histórica de análise, pertinente na leitura de contextos estruturais religiosos como o desta V Conferência³. Contudo, para que esse método seja mais eficaz neste estudo é preciso rever aqui um pouco a origem do evento e a Igreja que o descreve. Importante também é repensá-lo como momento de uma trajetória na história da Igreja latino-americana.

Para ser estudado não é preciso fazer uma “exegese” do texto de *Aparecida*, mas antes, necessário é evidenciar, à luz da realidade, as situações de igualdades e desigualdades nas quais a Igreja convive. Neste caso, é preciso também verificar possibilidades eclesiais para que possa acontecer uma igualdade no *discipulado*, o que significa ir além de examinar presenças ou diferenças entre os sexos dos indivíduos envolvidos.

Já que o vocábulo *discipulado* aparece mais de cem vezes no texto de *Aparecida*⁴ estudá-lo sob a perspectiva de gênero significa perceber ainda mais a sua importância para um contexto de desiguais, o qual pede uma eclesiologia latino-americana mais crítica, justa e libertadora. Para Elizabeth Schüssler-Fiorenza uma eclesiologia crítico-libertadora feita por meio da hermenêutica de gênero serve para repensar condições nas quais o ser humano vive, ou seja, a forma social, plural, relacional e dinâmica na qual convive. Isso nos impõe uma leitura eclesiológica para além de uma simples oposição entre homens e mulheres na pastoral. A mediação de *gênero* ultrapassa os modelos fixados por hierarquias e instituições, como quando se

³ Santinon, Ivenise Teresinha Gonzaga. *As relações de poder nas pastorais do catolicismo romano pós-Vaticano II. Um estudo de gênero a partir do trabalho das mulheres na Arquidiocese de Porto Velho (RO)*. São Bernardo do Campo (SP): Tese de Doutorado em Ciências da Religião pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, 2009, 228 pp. P 91. Disponível na Web, no site http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2013, acessado em 31/05/2011.

⁴ Suess, Paulo. *Dicionário de Aparecida: 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 35.

lê em textos sagrados que homens e mulheres se opõem em dois modelos plurais por vezes contraditórios; ou ainda, que ambos são distintos ou possuem vocações específicas de acordo com o sexo para determinadas ações ou funções nas Igrejas. Para a autora é a missão recebida pelo Batismo que constitui a igualdade necessária para um *discipulado de iguais*⁵.

Nessa dimensão, a partir de um olhar mais focado na catequese, o objetivo aqui é refletir a presença das mulheres na Igreja, e repensar as situações de desigualdades em que estamos expostas, seja *ad intra*, enquanto pessoas religiosas, ou *ad extra*, como cidadãs que se comprometem com a vida plena e igualitária. Essas perspectivas são descobertas em nossa trajetória pastoral numa eclesiologia muitas vezes marcada por paradoxos em meio de exclusões e inclusões, desfavorecimentos e privilégios, incoerências entre discursos e práticas.

Nesse sentido, com a teologia conciliar e as Conferências Episcopais, se têm tentado descobrir meios para recriar uma eclesiologia que à luz dos acontecimentos atuais possa responder aos anseios de um discipulado preocupado em responder às novas perguntas que a própria história cristã já nos faz. E *Aparecida* não tratou da situação das mulheres satisfatoriamente. Libânio diz:

O grave problema do ministério presbiteral reservado a homens celibatários não teve clima para ser debatido [em *Aparecida*], embora seja um dos maiores empecilhos para a evangelização no continente. Em relação a *Santo Domingo*, o parágrafo sobre a dignidade e participação das mulheres, trouxe um avanço. Além dos conhecidos ditos de rejeição de todo machismo e da exploração da mulher sob muitas formas, o documento [de *Aparecida*] propõe “garantir a efetiva presença da mulher nos ministérios que na Igreja são confiados aos leigos, assim como também nas instâncias de planificação e decisão pastorais, valorizando sua contribuição (n. 458b)”. No entanto, na Igreja Católica, ainda

⁵ Schussler-Fiorenza, Elizabeth. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p.45-46.



estamos muito distantes da cultura atual em relação aos direitos, à dignidade, à relevância da mulher na sociedade⁶.

Mesmo assim nos dá esperanças e somos impelidas a gerar uma nova cultura na qual a força dos Evangelhos seja o “motor” a nos mover no rosto da nossa “tradição latino-americana”. A análise pode ser feita com base nos Evangelhos, nas situações concretas vividas na Igreja e no próprio evento.

1. O Concílio Vaticano II, as conferências e as teologias contextuais

O Concílio Vaticano II propôs uma reviravolta eclesiológica, ponto de partida para o surgimento de novas hermenêuticas teológicas. As Conferências Latino-Americanas impulsionaram desdobramentos contextualizados, o que numa perspectiva libertadora trouxe novas expectativas para a efetiva ação de um *discipulado de iguais*. Em *Medellín* e *Puebla* as Conferências estiveram inseridas no clima e no espírito do Concílio Vaticano II, mas em Santo Domingo já pudemos perceber algumas *nuances* de retrocesso. Em *Medellín* (1968), se pôde notar uma “recepção criativa”⁷ e efetiva da Igreja na vida latino-americana com a opção preferencial pelos pobres e, nessa perspectiva, verificou-se a possibilidade da “gestação” de um discipulado de iguais. Isso continuaria em seguida, embora com menos ênfase na realidade da “tradição latino americana”.

Resumindo: à luz da perspectiva de gênero, pode ser feita uma releitura sobre as condições da presença das mulheres na Igreja e nos textos das Conferências desde o pré-conciliar: na primeira, no Rio de Janeiro (1955), num contexto de neo-cristandade, se mostrava um eclesiocentrismo e um clericalismo, nos quais o laicato era expresso por “*auxiliares do clero*”. Na segunda, em *Medellín* (1968), com a perspectiva de *Igreja Povo de Deus* e a opção preferencial pelos pobres, os leigos e leigas são chamados de “protagonistas”. As mulheres estariam de certa forma, contempladas com pouco mais de equidade.

⁶ Libânio, J. B. *Conferências do Episcopado Latino-Americano: do Rio de Janeiro a Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007, pp. 131-133.

⁷ Briguenti, A. *Para compreender o texto de Aparecida*, p. 16.

Em Puebla (1979), um “freio” foi sentido e pouco se via no texto sobre discriminações de gênero, o que já demonstrava “impedimentos” de avanços. Em Santo Domingo (1992), com um reflexo do momento e muito maior da Conferência anterior, era notado um recuo nas reflexões sobre as mulheres.

Nesse contexto, as mulheres majoritariamente continuariam como antes, ou seja, sob as mesmas ordens de uma minoria de homens. No máximo permaneceríamos sendo elogiadas pela força de trabalho nas lideranças e coordenações das pastorais, lugar em que somos maioria (*DAP = Documento de Aparecida*, 455). Diante disso se pergunta: teria sido o Vaticano II o inspirador para *Aparecida* e para as reflexões sobre um discipulado de iguais ou teria sofrido influências de pensamentos e de modelos estruturais, conservadores e patriarcais que precederam tal evento?

1.1 Contexto e leitura da realidade *pré-Aparecida*

Alguns desafios e entraves já podiam ser diagnosticados nos textos, editados em forma de subsídios, na fase preparatória de *Aparecida*. Trechos demonstravam tendências subjetivistas próprias de uma linguagem emocional, acrítica, longe de contemplar mais especificamente a realidade da “tradição latina americana”. Nesse sentido, as questões de gênero seriam incapazes de serem despontadas.

Em *Medellín* e em *Puebla*, mais inseridos no espírito do Vaticano II, o discurso aparecia como mais “libertador” e contemplava as tendências próprias do momento. Na teologia implícita nos documentos podia-se perceber uma interdisciplinaridade no campo da sistemática (eclesiologia, cristologia, missiologia, etc., quanto na Bíblica, na Espiritualidade, etc.) Isso favorecia as reflexões de gênero e, consequentemente, de um discipulado de iguais.

Já *Aparecida* demonstrava ser diferente desde o início de preparação. Quanto ao espaço de atuação de um novo *discipulado-missionário*, o *Documento de Participação*⁸ parecia demonstrar uma

⁸ Celam. *Documento de Participação*. Coleção Quinta Conferência. Rumo à V Celam. São Paulo: Paulinas-Paulus, 2005.



realidade “extraterrena” que chamaram de *Nova Época*, caracterizada por *dores de parto*⁹ do mundo contemporâneo. Aí, chamava a atenção o “pedido” para a reintegração da Igreja com o mundo moderno, sobretudo com o desafio de buscar conviver com o momento. Mas, não se via consistentemente argumentações que contemplassem reflexões sobre desigualdades de gênero. Via-se a necessidade de uma mudança na ação evangelizadora, voltada para uma “nova época cujo trabalho pastoral deveria ser orientado para uma conversão” (*DAp* 94), mas essa mudança de rumo para a situação eclesial das mulheres era difícil de ser percebida, pois efetivamente não contemplava uma Igreja enraizada, presente e viva no contexto latino-americano. Epistemologicamente, essa linguagem dificultava aplicar outras hermenêuticas teológicas contextualizadas, como é a de gênero.

1.2 Interfaces epistemológicas

A linguagem dos subsídios preparatórios de *Aparecida* já era vista por muitos especialistas como um dos entraves para avanços na Igreja, ainda mais para dialogar com uma “nova época”, muito mais diante de um iminente fenômeno religioso¹⁰. Se estava difícil falar com o seu próprio interior, muito mais complicado seria conversar com “os de fora”. Denotava que havia um esforço para se responder às questões externas, sociais e com “populações excluídas”, mas em contraponto, surgiam dúvidas para um discernimento dos reais caminhos a serem seguidos pela própria Igreja. Diante de uma prática eclesial que se tornava desigual, rotineira, burocratizada e voltada para os âmbitos internos das Igrejas, o texto do *Documento de Participação* deixava de lado a espiritualidade engajada da *Gaudim et Spes* e de todo o espírito libertador do Vaticano II.

⁹ João Paulo II, na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, afirma que o Concílio Vaticano II “marca uma nova época na vida da Igreja” com uma “enorme riqueza de conteúdos e o tom novo, antes desconhecido...” (n^o 18 e 20), conforme nota número 54 do *Documento de Participação*, p. 57.

¹⁰ Nos números 95, 96, 97s aparecem palavras e frases com tons intimistas como “simpatia, relação consigo mesmo, vocação contemplativa, conhecimentos dos segredos da vida, saúde psicológica”, etc. Com estas linguagens poderia se prever um reavivamento de pastorais e movimentos intimistas, espiritualistas ou sacramentalistas. Eles poderiam direcionar a Igreja apenas para pastorais e ministérios *ad intra*, ou seja, não estaria se comprometendo mais significativamente com o mundo contemporâneo e principalmente os pobres do contexto latino-americano.

Esse *Documento de Participação* dizia: “a sociedade abriu os olhos e se propôs uma ação libertadora” (n. 107), mas o mesmo espírito libertador que inspirou as primeiras conferências parecia não mais ser parâmetro para a configuração de *Aparecida* e aí não se abriam possibilidades de mudanças quanto à situação das mulheres no discipulado. Isso poderia ser notado, primeiro, pela forma como era feita a análise conjuntural; segundo, pelo olhar que se tinha na(s) sua(s) teologia(s) subjacente(s) e, terceiro, pelo modo que se dava o enfoque teológico-pastoral, sem interfaces com outras ciências.

Mas, outra questão se abria. Qual era o discurso teológico da Igreja nesse momento, fosse relativo à fundamentação bíblica, às interfaces epistemológicas ou ao diálogo com outras ciências, que poderia favorecer uma mudança de paradigmas nas estruturas, com abertura para um discipulado de iguais?

O discurso e o momento estavam difíceis. Não só era preciso aceitar a história, mas também se deveria saber aceitar os *sinais dos tempos* e impulsionar a Igreja para releituras sociais e análises contextuais. Parecia que a Igreja não estava devidamente preparada para novas posturas e propostas concretas na existência humana. Mostravam-se dúvidas até para se enxergar nos textos o lugar de um Deus presente e de um Jesus Encarnado na nossa realidade. E isso comprometia uma presença mais efetiva dos (as) batizados (as) em todos os ambientes e atividades sociais. Para Suess¹¹ a condição essencial e a existência “normal e ordinária” dos batizados para o ser do discipulado missionário era essa. E essa missão da Igreja se solidificaria na medida em que se repensassem novas circunstâncias, nos mais diversos rostos perceptíveis, concretamente nos “*sinais dos tempos*” da Igreja neste continente. Assim, a “grande virada” eclesiológica proposta pelo Concílio Vaticano II, confirmada por *Medellín* e *Puebla*, e quase esquecida nas duas seguintes, corria o risco de ser também esquecida no momento da preparação da V Conferência.

Durante e após o evento, graças às intervenções de parte dos envolvidos nas reflexões dos textos, muita coisa foi refeita. E mesmo diante de desagradáveis impasses e de censuras, houve o respeito do

¹¹ Suess, P. *Dicionário de Aparecida*, p. 36.



magistério latino-americano e o Documento final foi autorizado a ficar da forma como o temos hoje¹². Com ele tornou-se possível avançar mais um pouco nas conversas sobre uma *conversão* do discipulado que, caracterizado por uma eclesiologia própria do rosto do povo latino-americano, ainda sofre em vários aspectos, a dignidade ferida por circunstâncias históricas.

2. Uma eclesiologia crítico-libertadora para um discipulado missionário de iguais

Nos lugares onde a discriminação social é mais evidente, a missão contextualizada de evangelizar é a premissa da Igreja e aí se contemplam também reversões de situações de desfavoráveis, de minorias. Seria uma busca da eclesiologia por restabelecer condições inadequadas e antigualitárias de vida, e a sua principal ação não poderia ser feita por meio de uma Igreja voltada para seus âmbitos internos, estática, isolada, engessada, preocupada com o decréscimo do número de participantes ou com o poder e *status* de alguns, mas deveria ser comprometida com o serviço ao Reino. Nesse sentido, precisaria resgatar a dimensão teológica do anúncio, profetismo e da vocação, para uma renovação da missão eclesial¹³, com cristãos batizados comprometidos com um continente de pobreza. Aí se apresentariam, com mais clareza, respostas que convalidariam o reconhecimento da igualdade para um discipulado-missionário¹⁴.

430

medellín 147 / Julio - Septiembre (2011)

2.1 Breves apontamentos teológicos para um discipulado de iguais nas estruturas eclesiais

Pensar no discipulado de iguais é considerar o anúncio do *querigma* e o testemunho profético como exigências para ação evangelizadora na América Latina, que é libertadora em sua essência. O discipulado constrói a história através do diálogo e do serviço ao Reino, conforme as diretrizes pastorais (sempre mais atualizadas na Igreja no

¹² Briguenti, A. *Para compreender o texto de Aparecida.*, p. 26.

¹³ Ameríndia. *A missão em debate: provocações à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 240.

¹⁴ Suess, P. *Dicionário de Aparecida*, pp. 35-36.

Brasil)¹⁵ expressas num *locus teologicus*, feito pelo anúncio centrado na pessoa de Jesus de Nazaré, o Cristo Libertador. É necessária uma nova evangelização, o anúncio da fé pascal para todos.

- a) **O Profetismo.** A condição do martírio se dá no protagonismo de homens e mulheres, profetas e profetizas que testemunham a práxis libertadora do Cristo, no Reino. E a Igreja hoje em dia parece carecer de profetas e profetizas, pois isso acontece na vida e nas ações concretas das comunidades eclesiais ao reforçar os compromissos recebidos no Batismo ao serem alicerçados, de forma plena e igualitária, pelo papel libertador do discipulado missionário na Igreja, no seguimento do Cristo. A espiritualidade do profetismo, encarnada na realidade, compromete a Igreja a viver a experiência libertadora do Cristo no meio do Povo de Deus, composto de homens e mulheres de diferentes culturas. E isso exige uma conscientização que é a própria função da nova evangelização (*Evangelii Nuntiandi*) o que implica também pensar numa *práxis* a partir de uma reorganização paroquial e uma desburocratização sacramental (DAp 203, 205, 209 e 213). Incompreendidas ou desconstruídas, há hoje “atividades impraticáveis” em meio de tantas exigências infundadas e desconexas entre os agentes nas paróquias, longe da missão profética pela vida de todos e todas nas diferentes culturas deste continente.
- b) **Eclesiologia e inculturação.** A partir da realidade histórico-cultural, é preciso iniciar uma de reflexão sistemático-pastoral na qual uma nova eclesiologia seja elaborada. Feita por uma nova inculturação de cunho não machista, seria uma grande novidade para se repensar a situação das mulheres na Igreja. As posturas androcêntricas presentes na tradição da Igreja sempre se fundamentaram na mentalidade patriarcal. As estruturas para um discipulado de iguais encontrariam dificuldades em se alicerçar, pois haveria a necessidade de se reconstruir uma ideia pré-estabelecida de Igreja. Isso pode ser feito por meio de uma eclesiologia crítico-libertadora¹⁶, elaborada a partir das pessoas mais vulneráveis à

¹⁵ Cf Constituição Pastoral *Gaudim et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje. Compêndio Concílio Vaticano II.. Vozes: Petrópolis, 1995.

¹⁶ Schüssler-Fiorenza, E. *Discipulado de iguais*.



misérias: a opressão ou repressão, a pobreza, o sexo, o gênero e outros. Os (as) “condenados (as)” a conviver em alguns espaços sistematicamente construídos por estruturas repressoras precisariam ser ouvidos para poderem aprender a lidar com “diferentes culturas”, nas quais as mulheres não conseguem se inserir¹⁷. Numa sociedade e Igrejas em que, fundamentadas no androcentrismo, pessoas se vêem obrigadas a justificar seus atos perante os demais apenas para explicarem que não são inferiores, isso precisa ser revertido¹⁸. E algumas reversões já acontecem principalmente em locais mais carentes, nos quais mulheres exercem funções decisivas nas comunidades.

- c) **A pobreza.** As maiorias, econômica e politicamente inferiorizadas e acostumadas ao desprezo por uma tradição de desigualdade discriminadora¹⁹, buscam uma nova compreensão de sentido de vida ao se voltarem para as Igrejas na busca da dignidade e identidade perdidas. São seres humanos que têm nome, lugar, situação social definida, cor, sexo e gênero. O que as une não são as vidas reprimidas, ameaçadas ou violentadas, mas as ansiosas por justiça. É preciso devolver a sua afirmação e a defesa da vida, buscando resgatar o seu semblante perdido pela vulnerabilidade de serem pessoas “não consideradas”, seja pela sua condição econômica, como por fatores históricos e estruturas distorcidas ou desconstruídas, seja pela cor, pelo sexo ou condição social. As estruturas econômicas e administrativas das comunidades ecle-

¹⁷ Ameríndia. *A missão em debate*, p. 243.

¹⁸ Schüssler-Fiorenza, E. *Discipulado de iguais*, p. 59.

¹⁹ Comblin, José. *Vocação para a Liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998. p. 81 (citado in Schüssler-Fiorenza, *Discipulado de iguais* p. 164): “O cristianismo nasceu e se desenvolveu em sociedades e culturas radicalmente patriarcais. A inculturação não podia deixar de produzir os efeitos habituais. À medida que a inculturação foi profunda, deu à Igreja um caráter patriarcal. A teologia feminista explicitou a evolução que vai das origens até a Igreja totalmente patriarcal já no século II. Jesus manifestou muita liberdade em relação às instituições judaicas e iniciou um movimento missionário em que homens e mulheres colaboravam com espontaneidade e, aparentemente, a sua conduta de aceitar mulheres para acompanhá-lo escandalizou. Aceitava mulheres fora da sua casa, fora da família, mulheres que dispunham aparentemente da sua vida e andavam livremente pelo mundo”. Diz ainda: “Já que Jesus prescinde de todas as leis judaicas, as discriminações caem. Homens e mulheres são igualmente discípulos ou discípulas. Parece que, nos primeiros tempos, o movimento missionário que nasceu dele continuou sem discriminação”.

siais devem ser mais simples e solidárias, em sintonia e sincronia com a pobreza²⁰.

2.2 “Campos prioritários”²¹ e meios para um discipulado missionário de iguais

- a) **As famílias.** Como “patrimônio da humanidade e um dos tesouros mais importantes dos povos latino-americanos”²² é necessária à Igreja deste continente a responsabilidade para tratar com mais seriedade alguns entraves que impedem principalmente a hierarquia de prestar mais atenção à persistência do machismo nas famílias, na sociedade e nas estruturas eclesiais. Quanto a essa mentalidade machista, Bento XVI no *Discurso de Abertura da V Conferência em Aparecida*, afirmou que há uma ignorância quanto “a novidade do Cristianismo que reconhece e proclama a igual dignidade e responsabilidade da mulher com relação ao homem”²³.

Assim, uma humildade evangélica e uma coragem apostólica como dons de Deus que perpassam o anúncio da Boa Notícia serão imprescindíveis para dizermos que temos muito a aprender e darmos respostas às diferentes modalidades e novas conjunturas familiares da modernidade. Nelas, estarão novas formas de se viver o anúncio de um discipulado de iguais. E isso só acontecerá se considerarmos que não sabemos tudo ainda e não temos todas as respostas prontas. Não podemos mais ter a pretensão de dar respostas completas a todas novas questões que aparecem na atualidade.

- b) **A juventude.** A exclusão, o cientificismo, o descompromisso, o consumismo e outras tendências próprias da modernidade, fazem com que, paradoxalmente os jovens se dispersem ou se unam a tribos “anônimas” que os fazem imaturos e incompetentes para

²⁰ Ameríndia. *A missão em debate*, p. 243.

²¹ Bento XVI. *Discurso da Sessão Inaugural da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e Caribe em 13-05-2007 in Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V CELAM*. São Paulo, CNBB-Paulus-Paulinas, 2007, nº 5. p.279.

²² *Ibidem*, p. 279-280.

²³ *Ibidem*, p. 279.



refletir paradigmas impostos e enfrentar as exigências dos desafios de uma nova época. Eles devem se comprometer com “uma constante renovação do mundo à luz de Deus”²⁴. Entrosados num novo sistema organizacional, não patriarcal e machista, seja na família, na escola, na Igreja ou na sociedade, eles desejam ser compreendidos e aceitos para conseguir exercer um poder autêntico que, de forma diferenciada e com clareza e competência, revigorem as suas vidas. Não se pode perder esse seguimento hoje diferente, mas real e inovador, que pode favorecer propostas eclesiais destemidas, ousadas e arrojadas, na linha do profetismo. “Os jovens encaram a existência como uma constante descoberta, temem perigos, mas correm riscos pelo que acreditam. Crêem na igualdade de gênero e numa reflexão madura da fé à luz de um caminho de vida. Jovens não temem sacrifício, mas, sim, uma vida sem sentido.”²⁵ E nesse sentido “é preciso recorrer também aos meios de comunicação”²⁶. Assim, não se pode esquecer das mídias, das tecnologias e, principalmente da internet. Bento XVI vem recorrendo frequentemente a essas ferramentas, e disse em Aparecida: “é preciso recorrer aos meios de comunicação”²⁷.

- c) **A Bíblia, a linguagem e a comunicação.** Nesse tempo, em que se vive e convive com o fenômeno religioso, a Palavra de Deus favorece o fundamentalismo quando não é bem lida e interpretada. É necessário propiciar uma formação sólida e regular, preparando agentes para uma leitura contextualizada da Bíblia que venham colaborar de forma consistente, sistêmica e coerente com a nova realidade e “nesse campo, não se deve limitar às homilias, conferências, cursos de Bíblia ou teologia...”²⁸. Tal leitura contextualizada, dá-se não apenas nas celebrações ou em práticas de pastorais isoladas, mas é atitude que se espera da própria capacidade da Igreja em formar os discípulos e missionários para o dom do encontro com Jesus Cristo²⁹, pois acontece na articulação do ato litúrgico com a atitude cotidiana.

²⁴ *Ibidem*, p. 282.

²⁵ *Ibidem*, p. 282.

²⁶ *Ibidem*, p. 274.

²⁷ *Ibidem*, p. 273-274.

²⁸ *Ibidem*, p. 274.

²⁹ Suess, P. *Dicionário de Aparecida*, p. 36.

Enquanto não se conseguir acompanhar de modo equilibrado o progresso da informatização, a ação pastoral, sobretudo com os mais jovens, ficará aquém da eficácia dos demais sistemas. Isso porque a linguagem religiosa é feita pelo símbolo que gera o pensamento; este dinamismo, para Elizabeth Johnson³⁰, baseada em Paul Ricoeur, participa da realidade que representa. Nesse caso, para a autora, a linguagem é informada, nas questões de gênero, pela particularidade da experiência da mulher transmitida pelo símbolo na estrutura em que ela atua.

Para um novo discipulado missionário de iguais, caberia à Igreja, através da catequese e das pastorais, reconhecer seus limites e se apropriar de novidades para tentar reverter paradigmas. Esta novidade é antiga e fundamentalmente igual às demais afirmações teológicas, tantas vezes reafirmadas pela Igreja. Para E. Johnson é a linguagem trinitária como um todo, como óbvio a toda a doutrina cristã que deveria assegurar um entendimento de Deus com uma profunda comunhão relacional e igualitária na Igreja³¹.

Mas, para solidificar as questões relativas a todo o gênero humano, onde encontraríamos fundamentos convincentes para uma concreta realização do discipulado de iguais? A resposta está nos Evangelhos.

3. Fundamentos bíblicos: tarefas de gênero nos evangelhos

O fato de os Evangelhos, em várias oportunidades, mencionarem um grupo de mulheres seguidoras de Jesus e sua aparição a uma mulher, após a ressurreição, é, sem dúvida, um indício fundamental de um importante depoimento histórico da não distinção entre discípulas e discípulos. Isso é significativo para compreender a tarefa do gênero humano no discipulado. Mas o que resta é responder à pergunta: as mulheres faziam parte de verdade do grupo itinerante dos discípulos de Jesus? Se o *Evangelho de Marcos* aponta as mulheres ao pé da cruz como aquelas que “seguiram Jesus”, afirmando também que elas “ser-

³⁰ Johnson, Elizabeth A., *Aquela que é: o mistério de Deus no trabalho teológico feminino*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 79.

³¹ *Ibidem*, p. 282.



viam e seguiam” Jesus na Galileia, isso denota sua pertença ao grupo das discípulas. “Seguir” e “ser” significam designações de totalidade e abrangência da vida cristã, pois seguimento e discipulado se entrelaçam mutuamente. Esse significado é revelador na vida de Jesus³².

Os Evangelhos Sinóticos, de muitas maneiras, dizem que as mulheres seguiam o Senhor e o serviam. Marcos, falando da missão de Jesus, diz que ele “não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em favor de muitos” (Mc 10, 48). Ou seja, *seguir* e *servir* significa dar a vida pelo próximo, cumprindo uma missão evangelizadora que é a de todo discípulo (Lc 12,35-48; 17,7-10). O mesmo Marcos afirma que as mulheres “subiram a Jerusalém com Jesus”. Se elas eram da Galileia e foram com Jesus a Jerusalém para celebrar a Páscoa, elas tinham também viajado junto com os discípulos. (Mc 10,1-11). Pode-se então perguntar: mas que tipo de serviço prestava esse grupo de mulheres seguidoras de Jesus, se depois não foram reconhecidas como iguais aos discípulos homens?

Normalmente, pensa-se que elas faziam trabalhos só “de mulheres”, isto é, cozinhavam, cuidavam dos filhos, serviam a mesa, lavavam louças e costuravam roupas. Mas a Bíblia mostra que muitas destas tarefas eram também feitas por homens. Eles aparecem servindo a comida (Mc 6, 41), recolhendo sobras das mesas (Jo 6, 12), comprando alimentos (Jo 4,8). Tais atitudes denotam que homens e mulheres trabalhavam nas mesmas funções e também estavam presentes em meio dos outros, durante a vida, a morte e a Ressurreição de Jesus. De fato, a presença era tão conhecida de todos que Marcos e Mateus também as mencionam: “ali havia muitas mulheres, olhando de longe, aquelas que seguiram Jesus desde a Galileia para servi-lo. Entre elas estavam Maria Madalena, Maria, a mãe de Tiago e de José, e a mãe de Zebedeu” (Mt 27,55-56). E a ousada seguidora de Jesus foi capaz de fazer uma reivindicação a ponto de Jesus perguntar “Que queres?”... “Não sabeis o que estais pedindo” (Mt 20,20).

³² Bombonato, Vera Ivanise. *Discípulos Missionários hoje. Catequese, caminho para o discipulado in CNBB*, Comissão Episcopal Pastoral Para Animação Bíblico Catequética. Terceira Semana Brasileira de Catequese. Brasília: Edições CNBB. 2010.

3.1 *Discípulas missionárias, a instrução e a política além dos maridos e do dinheiro*

Na segunda parte do capítulo central de *Aparecida*, relativo à “Vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários”, são retomados aspectos a partir de Jesus de Nazaré e com isso a vida e o anúncio da Boa Nova do Reino é a condição básica para o testemunho e a dignidade na missão de um discipulado de iguais, que acontece na comunidade eclesial (*DAP* 382, 384 e 386)³³.

Assim, o Evangelho de Lucas, diferentemente dos outros, cita as mulheres no final da vida de Jesus e isso é relevante para exegetas. Para Lucas, elas são incluídas no seguimento do discipulado como companheiras de Jesus “durante” toda a sua vida pública. (*Lc* 23, 49; 23, 55). Segundo ele, em certa ocasião, Jesus ia para a Galileia: “percorriam as cidades e povoados, proclamando e anunciando o Reino de Deus; acompanharam-no, testemunharam-no e foram recusadas como testemunhas junto aos Doze discípulos, como foi o caso de Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago: “ao voltarem do túmulo, anunciaram, mas não lhes deram crédito” (*Lc* 24,9-11); Joana, mulher de Cusa, um alto funcionário de Herodes; Susana, e muitas outras que o serviam com seus bens” (*Lc* 8,1-3). Lucas coloca tanto os Doze homens, como as mulheres num mesmo nível, unindo-os. Também nos sugere os textos que havia mulheres de boa posição econômica, já que ajudavam economicamente o movimento de Jesus com seu próprio dinheiro.

Outra situação importante que se pode notar com relação às mulheres é sobre as instruções, pois na época de Jesus os judeus não permitiam as mulheres estudarem a Palavra de Deus. Elas eram consideradas inferiores aos homens intelectualmente, e por isso era perigoso ensinar a elas algo sagrado. Poderiam se equivocar ao interpretar as Escrituras. Mas elas deveriam estar sempre ouvindo Jesus, pois Lucas diz: “Elas, então, recordaram suas palavras” (*Lc* 24, 5-8). Assim, as mulheres ouviam os ensinamentos feitos privadamente aos discípulos na Galileia, e estavam inseridas até nos últimos acontecimentos da vida de Jesus. Por isso, ainda que esses ensinamentos apareçam como

³³ Suess, P. *Dicionário de Aparecida*, p. 35.



transmissões feitas somente aos homens (Lc 9,18-27. Mc 16,6-7), eles dão a entender que elas participaram ativamente dos ensinamentos.

Aparecida determina que é necessário propiciar uma formação integral às mulheres de forma que possam cumprir sua missão plena (cf. 456). Nos Evangelhos, durante toda a sua vida, Jesus configurou um novo tipo de discipulado itinerante e sua atitude mais ousada e inovadora foi a de ter admitido mulheres no grupo. Ele viajava com elas e ali compartilhava instruções e decisões. Jesus não era bem visto, pois elas não poderiam receber o mesmo tratamento dos homens, se não fosse feito pelos seus próprios familiares. E isso, como hoje, causava admiração entre alguns discípulos que o seguiam. Jesus falava com elas e nelas confiava: “Vinde ver um homem que disse tudo o que fiz” (Jo 4, 29).

Na época de Jesus, as mulheres não gozavam de quase nenhuma liberdade dada aos homens nem dentro, nem fora do templo. Quando iam ao templo, por motivo de uma festa religiosa, não podiam ingressar ou permanecer no pátio onde estavam os homens e, por isso, ficavam separadas. A função das mulheres que não eram do grupo de Jesus se reduzia ao cuidado da casa e dos filhos. Separadas dentro do templo, elas também estariam excluídas da vida pública, dos debates e das decisões político-religiosas.

Normalmente as pessoas criticavam Jesus, dizendo que era comilão, bêbado, amigo de pecadores (Mt 11, 19) e de prostitutas (Lc 7, 39); louco (Mc 3, 20-21) e endemoninhado (Jo 8, 48). Mas ver Jesus acompanhado por mulheres sem maridos, algumas das quais antigas “endemoninhadas” que o sustentavam economicamente e que viajavam com ele pelas zonas rurais da Galiléia, escutando e aprendendo seus ensinamentos, deve ter sido algo escandaloso e, sem dúvida, deve ter aumentado a desconfiança em torno de sua pessoa.

No *Documento de Aparecida* a dignidade, a valorização e o respeito de todo gênero humano podem ser verificados ao citar que a relação entre homens e mulheres, conforme as estruturas vividas por Jesus de Nazaré e seus discípulos, é a da reciprocidade e da colaboração mútua como foi a sua presença junto ao seguimento de Jesus (cf. n. 451 e 452).



4. Repensar o discipulado por meio dos evangelhos é renovar estruturas

Os Evangelhos devem ser o ponto norteador e a base para se responder à indagação inicial sobre o espírito norteador da V Conferência em Aparecida e para um repensar de possibilidades estruturais da Igreja em uma configuração de Discipulado de Iguais.

4.1 Estruturas paroquiais e ministerialidade

A paróquia necessita ser reestruturada e com ela os ministérios. E talvez uma Teologia dos Sacramentos renovada dê embasamento a uma eclesiologia que marque mais de perto um novo *locus teologicus*, em tais estruturas pastorais se encontrem. Nesse sentido, a catequese tem um papel fundamental que é o de fomentar atividades evangelizadoras além do templo, ou seja, através de uma ministerialidade “*ad extra*”, prevista pela Doutrina Social da Igreja.

Não se pode mais entender um novo discipulado a partir de modelos em que algumas Igrejas se configuram na atualidade. Poderia dizer que a “salvação” de muita gente ainda está na paróquia, e ainda mais, nas mãos do padre. As paróquias, muitas vezes centralizadas nas mãos do clero, se tornam “objetos salvíficos” e responsáveis pela vida de toda uma Igreja, inclusive as tomadas de decisões que deveriam ser de toda a comunidade. A comunidade não funciona sem decisão do padre, que cada vez mais aparece nas paróquias com uma imaturidade “gerencial”, própria da juventude atual e, infelizmente, às vezes até torna-se vilão na história de comunidades. Não são raros os casos de padres recém-ordenados, excelentes enquanto alunos nos cursos de teologia, que acabam com paróquias estruturadas, quando não destroem comunidades. Há em certos locais, por parte de alguns seminaristas, uma ansiedade pelo *status* e pelo aprimoramento no âmbito administrativo paroquial, mas não pela formação para o serviço na comunidade.



4.2 *Reparoquialização*³⁴

Há um “esquecimento” das aptidões e qualificações de agentes nas comunidades eclesiais, seja por parte de clérigos ou de leigos e leigas. Com a urbanização é dever da Igreja saber delegar novas funções, entre elas as administrativas, para pessoas qualificadas da própria comunidade. Essa poderia ser uma forma de reparoquializar, ou seja, a mobilidade é importante para atender as novas exigências próprias do mundo urbano³⁵. Assim, reestruturar paróquias de forma mais justa e igualitária também seria característica própria para um discipulado de iguais. Como a sociedade, a Igreja também apresenta muitas mulheres qualificadas, mas talvez por uma incompetência ou inabilidade de “gestores”, elas nem sempre são bem aceitas e reconhecidas em suas estruturas.

Sobre essa injustiça Bento XVI diz: “as estruturas justas jamais estarão completas e de modo definitivo. Pela constante evolução da história, hão de ser sempre renovadas e atualizadas. Hão de estar animadas sempre por um *ethos* político e humano, cuja presença e eficiência haverão de se trabalhar sempre. Em outras palavras, a presença de Deus, a amizade e o amor ao Filho de Deus Encarnado, à luz de sua palavra, são sempre condições fundamentais para a presença e eficiência da justiça e do amor em nossas sociedades”³⁶.

Assim, a pastoral poderá não se configurar no que se vê hoje em muitos lugares, um discipulado hermético e centralizado, expresso por uma eclesiologia geradora de pastorais estáticas, não dialógicas e muito menos reveladoras de ecumenismo e o diálogo inter-religioso³⁷.

³⁴ Amado, Joel Portela. *Urbanização exige novas estruturas pastorais, diz teólogo*, disponível no site: <http://www.cnbb.org.br/>, acessado em 06/11/2009.

³⁵ *Ibidem*. O autor afirma: “A mobilidade é uma categoria importante para a compreensão das atuais cidades e isto coloca em cheque leituras e soluções de caráter predominantemente fixista e estático. Acostumada a um modelo de cidade mais fixista e com baixos índices de mobilidade, a ação evangelizadora não consegue assumir a ruptura entre espaço fisicamente delimitado e espaço socialmente significado”.

³⁶ Bento XVI. *Discurso da Sessão Inaugural da V Conferência*. p. 276 ss.

³⁷ João Paulo II. Carta Encíclica *Ut unum sint*. Sobre o empenho ecumênico. São Paulo: Loyola, 1995. “Ao se referir à tarefa ecumênica de unir cristãos, o pontífice impõe um redirecionamento do magistério «Não existe verdadeiro ecumenismo sem conversão interior. Ao referir-se às pessoas que vivem a sua vocação cristã, o Concílio Vaticano II fala de conversão interior, de renovação da mente»” (p. 15-16).

Significa renovar ideias e inovar ações pastorais “viciadas” que acabam sendo autoritárias, centralizadoras e ditatoriais³⁸. O espírito do Concílio Vaticano II, portanto, abre essas possibilidades e convida a Igreja a uma “conversão” para o discipulado; ele se realiza através de uma Igreja que opta e se compromete com os pobres. Essa é a essência da fé cristológica, como bem afirmou Bento XVI, em Aparecida: “a opção pelos pobres está implícita na fé cristológica, naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (2Cor 8,9)”³⁹.

Considerações Finais

Aceitar uma “nova época” como já previam os documentos preparatórios de *Aparecida*, em meio aos novos desafios e desejar transformá-la com respostas novas, é fazer uma experiência pessoal do Cristo. É aceitar a fé cristã como um acontecimento histórico-salvífico em Jesus de Nazaré, que subverte estruturas injustas, com a Boa Notícia. É uma busca constante de alternativas conjuntas e inovadoras, cuja missão é conscientizar os cristãos a respeito de uma tarefa conjunta, encarnada, histórica. É abrir possibilidades de “parcerias” pastorais que favoreçam uma ação evangelizadora especialmente a partir de minorias, dos mais desqualificados ou desprezados. É fazer a opção preferencial pelos pobres⁴⁰ como a atitude de Jesus. É realmente trazer a Boa Notícia aqui e agora, estruturada numa fé dialogal e servicial, própria de discípulos e discípulas carentes de justiça.

Pensar num discipulado missionário de iguais, conforme a V Conferência do CELAM em Aparecida, é retomar as reflexões sobre a caminhada do povo latino Americano nos documentos e na história, e repensar métodos para a reconquista da liberdade perdida diante de tantas repressões e corrupções no continente. É repensar uma Igreja que vá para além exclusivamente de clérigos que ainda rejeitam mulheres, famílias pobres e juventude moderna. A práxis transformadora

³⁸ Libânio J. B. *A caminho da V Conferência de Aparecida*, in *Perspectiva Teológica* No. 105. Maio/Ago/2006: “Rever o ministério ordenado à luz das opções do Vaticano II e *Medellin*, no qual afirma que tal revisão implica a superação do autoritarismo e centralismo pastoral” (p. 203).

³⁹ Bento XVI. *Discurso da Sessão Inaugural da V Conferência*, p. 273.

⁴⁰ CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. Documento 61. Paulus. São Paulo. 1999. p. 17.



proposta pelo Vaticano II é a da própria palavra de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância.” (Jo 10,10).

Portanto, pensar no espírito e nos desafios teológico-pastorais para um discipulado de iguais implica ir além do texto da Conferência, pois é preciso mostrar um contexto desafiador e exigente para o cristianismo, como na história latino-americana; ele se encontra num momento complicado, que solicita a necessidade de releituras, seja por conta da Igreja ou da sociedade. Para E. Johnson deve ser proposta pela teologia atual uma nova ordem, diferente e insubordinada. Tem-se hoje a impressão de uma inconsistência na hermenêutica teológica inerente à própria teologia clássica, que insiste na igualdade das pessoas e ao mesmo tempo emprega estruturas pelo seu esquema próprio de subordinação⁴¹.

Nesse sentido, na nossa sociedade, como é ainda grande o número de mulheres vulneráveis a muitos tipos de condições sofredoras, o tema do *discipulado* repensado sob a ótica da hermenêutica de gênero pode sugerir reversões de esquemas autoritários. Nota-se na realidade, mesmo após *Aparecida*, que quase nada mudou em relação à situação das mulheres, ou seja, a sua presença permanece como aquela de antes. Fora das esferas de decisão, permanecem colaboradoras da continuidade do binômio laicato-hierarquia, ou seja, de um discipulado de desiguais.

À luz de *Aparecida*, a Igreja e a teologia latino-americana precisam com urgência abrir o seu foco de reflexão e, com uma eclesiologia crítico-libertadora, optar mais explicitamente pela mulher. Conforme aponta Gustavo Gutierrez, deve-se olhar mais atentamente para aqueles até aqui “não considerados”⁴².

Neste contexto de “morada de povos pobres” (DAP 8, 524), quem sabe um discipulado de iguais não suscitaria um novo jeito de ser Igreja, ou seja, verdadeiramente comprometida com o Evangelho na reconstrução de um continente de pobreza, violência e desigualdade.

⁴¹ Johnson E. *Aquela que é*, p. 283.

⁴² Teólogo peruano e sacerdote dominicano, considerado por muitos como o fundador da Teologia da Libertação.

Referências Bibliográficas

- Amado, Joel Portela. *Urbanização exige novas estruturas pastorais, diz teólogo*. <http://www.cnbb.org.br/>, acessado em 06/11/2009.
- Ameríndia. *A missão em debate. Provocações à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- Bento XVI. *Discurso da Sessão Inaugural da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e Caribe in Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V CELAM*. São Paulo, CNBB-Paulus-Paulinas, 2007, pp. 267-284.
- Bombonato, Vera Ivanise. *Discípulos Missionários hoje. Catequese, caminho para o discipulado in Cnbb - Comissão Episcopal Pastoral Para Animação Bíblico Catequética. Terceira Semana Brasileira de Catequese*. Brasília: Edições CNBB, 2010.
- Brighenti, Agenor. *Para compreender o texto de Aparecida. O pré - texto, o con - texto e o texto*. São Paulo: Paulus. 2008.
- Florestán Cassiano, *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. Vocábulo “Hermenêutica”. São Paulo: Paulus, 1999, pp. 326-331.
- Celam. *Documento de Aparecida. Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe*. São Paulo: CNBB-Paulus-Paulinas, 2007.
- Celam. *Documento de Participação. Coleção Quinta Conferência. Rumo à V Celam São Paulo*: Paulinas-Paulus, 2005.
- Cnbb. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora*. Documento 61. São Paulo: Paulus, 1999.
- Cnbb - Comissão Episcopal Pastoral Para Animação Bíblico Catequética. *Terceira Semana Brasileira de Catequese*. Brasília: Edições CNBB, 2010.
- Comblin, José. *Vocação para a Liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998
- Constituição Pastoral *Gaudium Spes*, in *Compêndio do Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- João Paulo II. Carta Encíclica *Ut unum sint*. Sobre o empenho ecumênico. São Paulo: Loyola, 1995.
- _____. Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*. São Paulo. Loyola: 2001.
- Johnson, Elizabeth A. *Aquela que é. O mistério de Deus no trabalho teológico feminino*. Petrópolis: Vozes, 1995.



- Libânio, João Batista. *A caminho da V Conferência de Aparecida: Perspectiva Teológica*, Maio/Ago/2006, no. 105.
- _____. *Conferências do Episcopado Latino-americano. Do Rio de Janeiro a Aparecida*. São Paulo: Paulus. 2007.
- Paulo VI. Exortação Apostólica *A evangelização no Mundo Contemporâneo (Evangelii Nuntiandi)*. São Paulo: Loyola. 1982.
- Santinon, Ivenise Teresinha Gonzaga. *As relações de poder nas pastorais do catolicismo romano pós-Vaticano II. Um estudo de gênero a partir do trabalho das mulheres na Arquidiocese de Porto Velho (RO)*. São Bernardo do Campo (SP): Tese de Doutorado em Ciências da Religião pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, 2009, 228 pp. P 91. Disponível na Web, no site http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2013, acesso em 31/05/2011.
- Schüssler-Fiorenza, Elizabeth. *Discipulado de Iguais. Uma ekklesiologia feminista crítica da libertação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- Suess, Paulo. *Dicionário de Aparecida. 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.